

**FAZENDA SÃO PEDRO: A HISTÓRIA DE UM  
LUGAR DE MEMÓRIA**

**Vanda Maria Quecini**  
vndquecini@gmail.com

**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

# Fazenda São Pedro: a História de um Espaço de Memória<sup>1</sup>

## Resumo

Desde sua constituição até os dias atuais, Santa Bárbara d'Oeste esteve fortemente ligada à produção de seus engenhos e usinas. Mais do que o sustento da população, a cultura canavieira continua a marcar o cotidiano e a paisagem da cidade, cujo núcleo urbano cresceu e se desenvolveu dando suporte aos conjuntos agroindustriais instalados no campo ao seu redor. Dentre estes estabelecimentos destaca-se a Usina Santa Bárbara. Instalada em 1914 nas terras da fazenda São Pedro, as dimensões desta unidade fabril e sua proximidade com o centro urbano, fez com que desempenhasse importante papel na consagração da cidade como “Pérola Açucareira” e, embora tenha funcionado somente até 1995, permanece como forte elemento de identificação da sociedade local.

A construção de uma imagem forte vinculando o núcleo agroindustrial à cidade é atestada pela formação de grupos que lutam pela preservação dos edifícios e tradições vividas naquele espaço. Conquanto o tombamento da usina e a celebração da festa de São Pedro indiquem haver uma certa apropriação coletiva do lugar, sua consagração como “espaço de memória” é posta em cheque tanto pelas sucessivas transformações que vem sofrendo, quanto pelas formas de registro da história local e das festividades que visam preservá-lo.

É, portanto, partindo desta situação que se buscou, por meio do resgate da formação dos espaços da fazenda São Pedro, da sua história e das memórias de antigos moradores e trabalhadores, analisar o significado das transformações pelas quais ele tem passado nas últimas décadas.

Palavras chave: Usina Santa Bárbara, Espaço de Memória, Patrimônio Industrial

---

<sup>1</sup> Este trabalho tem como base os levantamentos realizadas no âmbito da pesquisa de iniciação científica “Usina Santa Bárbara: um espaço para a história, uma história para a memória, uma memória para o espaço”, que contou com bolsa da FAPESP e foi orientado pelas professoras doutoras Maria Cecília Linardi Munguia e Marisa Varanda Carpintéro, complementados por novos levantamentos e estudos realizados para conclusão do curso de especialização em História e Cultura e dados recentes colhidos junto a Fundação Romi e jornais locais.

## A história e a memória dos espaços da Fazenda São Pedro

Localizada na região conhecida como "quadrilátero do açúcar"<sup>2</sup>, desde seu surgimento, Santa Bárbara d'Oeste teve seu desenvolvimento fortemente vinculado a cultura canavieira.

Assim, ainda no século XVIII, eram inúmeros os pequenos engenhos que davam conta de transformar a cana em açúcar e aguardente, tendo sido esta a atividade escolhida por dona Margarida da Graça Martins, que, em 1817, iniciou os trabalhos na fazenda que daria origem ao núcleo urbano da cidade (CRIVELARI, 1974). Há relatos de que também a Fazenda São Pedro, localizada a pouco mais de 2,5 Km da então Vila de Santa Bárbara, possuía desde "... 1812, um rústico moedor de cana, movido por animais, produzia uma pequena quantidade de caldo para consumo de famílias residentes naquela localidade." (ÁLBUM ILUSTRADO DE SANTA BÁRBARA, 1941).

Atualmente, embora as terras do município continuem amplamente ocupadas pela cultura canavieira<sup>3</sup>, as chaminés que despontam na paisagem não são mais do que vestígios do tempo em que mesmo a pujante e enriquecedora cultura cafeeira foi incapaz de desalojar a cana (PETRONE, 1979). Já entre as últimas décadas do século XIX e o início do XX, com o crescimento da população local e aumento do consumo interno de açúcar, somados aos incentivos governamentais e a importação de novas tecnologias, a rudimentar agroindústria canavieira, sofreu radicais transformações, com os trapiches e pequenos engenhos dando lugar a grandes usinas. Foi assim que a fábrica de álcool construída em 1877 pela família Rehder, nas terras da fazenda São Pedro, acabou sendo substituída pela Companhia de Estrada de Ferro e Agrícola Santa Bárbara<sup>4</sup>.

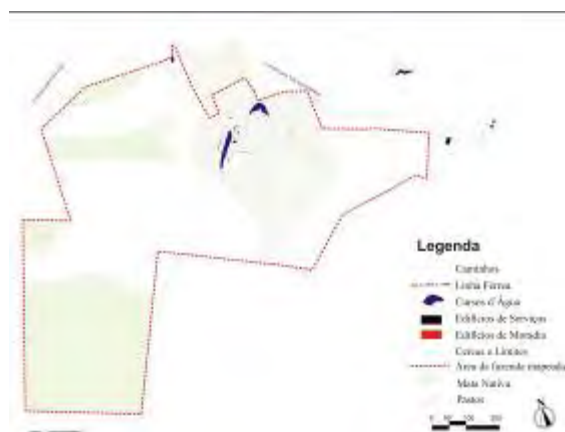


Fig. 01: Mapa da fazenda São Pedro no tempo da Fábrica de Álcool da família Rehder (1889)  
Base: acervo da Fundação Romi

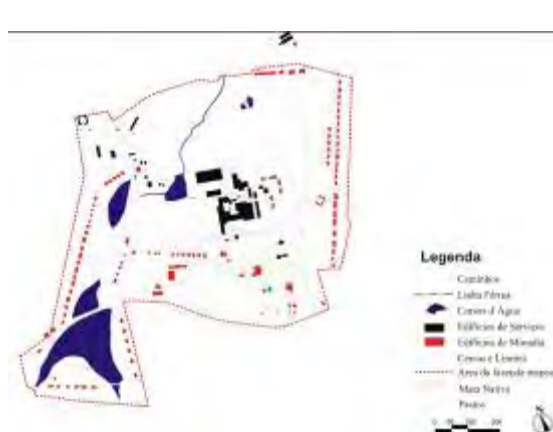


Fig. 02: Mapa da fazenda São Pedro no tempo da Companhia de Estrada de Ferro e Agrícola Santa Bárbara da família Alves (1936).  
Base: acervo Usina Santa Bárbara

<sup>2</sup> Formado pelas cidades de Jundiá, Mogi-Guaçu, Sorocaba e Piracicaba

<sup>3</sup> Segundo dados do IBGE para o ano de 2008, a área cultivada de cana correspondia a cerca de 48% da área total do município.

<sup>4</sup> Em 1877, as terras da Fazenda São Pedro foram compradas pelos Rehder, que aí construíram um engenho de açúcar, inaugurado em 1883 e que foi complementado pela a fábrica de álcool (1902) (SOUZA, s.d). Já sua escolha para implantação da grande usina, parece estar ligada aos fatores favoráveis apontados pelo engenheiro Jean Picard, que redigiu relatório sobre alguns estabelecimentos no Brasil neste período.(PICCARD, 1996).

Com o projeto dos edifícios "... fornecido junto com as máquinas, junto com as instruções de montagem e com as especificações técnicas das máquinas.", além de técnicos vindos da França para comandar sua instalação, como era usual até a metade do século XX (GAMA, 1983, p.193), este grande empreendimento<sup>5</sup> acompanhou e colaborou com as grandes transformações por que passou a cidade de Santa Bárbara d'Oeste neste período. Para além do impacto causado pelas grandes peças que cruzaram as ruas do núcleo urbano, junto com a usina chegaram a energia elétrica, o telégrafo e o trem. Na fazenda São Pedro, a transformação também foi radical, com a construção dos edifícios da usina, da linha férrea e das casas de colonos mudando definitivamente sua paisagem.



Fig. 03: Os edifícios da Fábrica de Álcool (1889).  
Fonte: acervos Fundação Romi



Fig. 04: Os edifícios da Companhia de Estrada de Ferro e Agrícola Santa Bárbara (1914).  
Fonte: acervos Usina Santa Bárbara

Poucos anos mais tarde, em 1922, a fazenda e a usina foram compradas pela família Alves de Almeida, cujo patriarca, o Coronel Luiz Alves, instaurou uma administração em moldes "paternalistas"<sup>6</sup>, que, somada a doações e atividade política intensa, colaborou para a construção de uma imagem positiva junto a comunidade, sendo descrito no alamaque de 1941 como "...um de seus maiores amigos e benfeitorês." (ÁLBUM ILUSTRADO DE SANTA BÁRBARA, 1941). Imagem que, se por um lado ajudava a legitimar sua autoridade perante os funcionários da usina e da fiação, que adquirira no centro da cidade, fortalecendo os laços identitários entre os trabalhadores, que passaram a se ver como membros de uma grande família<sup>7</sup>, por outro, promoviam a coesão do grupo de empregados (PEREIRA, 1979).

Para além das mudanças administrativas, a estrutura física do empreendimento também foi bastante modificada, a área plantada foi ampliada com a compra de novas terras, foram feitos investimentos na melhoria de equipamentos, foi construído todo um novo conjunto de edifícios

<sup>5</sup> Para Ruy GAMA (1983), este desenvolvimento da tecnologia da produção sucro-alcooleira concentrou-se na área industrial, sendo marcado pela dissociação entre a produção agrícola e a industrial, difundida com a implantação dos engenhos centrais, nos quais também se buscava empregar trabalhadores livres e as ferrovias. Já as usinas diferenciavam-se pelas grandes dimensões, maior escala de produção e de produção e complexidade do sistema produtivo, além de possuírem lavoura própria, não dependendo do abastecimento de terceiros como os engenhos centrais.

<sup>6</sup> Apesar das controvérsias sobre o termo, aqui, entende-se "paternalismo", como o conjunto de ações e posturas patronais adotadas a fim de incrementar seus lucros por intermédio do controle do operariado mesmo fora da fábrica, que direta ou indiretamente buscam coagir os operários a agirem conforme sua vontade (para revisão sobre o termo, ver QUECINI, 2007).

<sup>7</sup> Pelo menos é desta forma que os antigos moradores descrevem o relacionamento neste período, sendo recorrentes, nas entrevistas realizadas em 2000 e 2001, as referências ao Coronel e ao filho, Roberto, como "pai" e aos trabalhadores como "família".

tanto para o setor administrativo quanto para moradia de empregados e patrões<sup>8</sup>, de modo que, o período comandado pela família Alves trouxe profundas transformações na paisagem e no modo de se viver na usina, sendo denominado pelos antigos moradores “Anos Dourados”.

Assim, entre os anos 1930 e 1960, a antiga casa dos Rehder tornou-se hospedaria, houve um grande aumento no número de colônias (ampliação da Dna. Carolina, reforma da Cel. Luiz Alves, construção das Dna. Yolanda e Dna. Cecília e da Bico de Pato), foram construídos espaços de vivência como a escola e, em torno da “pedreira”, onde era celebrada a grande festa junina em homenagem a São Pedro, o armazem, a mercearia, o açougue e o "Clube", que passou a exibir filmes e abrigar os bailes<sup>9</sup>. O CAUSB e o CALA, times de futebol da usina, também ganharam fama e um campo com arquibancada e vestiário. A reformulação da “área sede”<sup>10</sup>, com novos edifícios de moradia, como o “solar” e o “palacete”, bem como de apoio, como os depósitos, cozinha e lavanderia, além de novos espaços de lazer cercados por bem cuidados jardins com piscina, churrasqueira, quiosque, viveiros e até mesmo uma capela consagrada a São Luiz foram erguidas, permitindo que a família Alves fizesse da fazenda São Pedro sua casa de campo, local onde se reuniam durante as férias escolares e o Roberto Alves, filho do coronel, criava cavalos de corrida<sup>11</sup>.



Fig. 05: O cotidiano integral na usina na década de 1960.

Fonte: acervo Fundação Romi



Fig. 06: Equipe do CAUSB posa no campo da usina (s.d.).

Fonte: acervo Fundação Romi

Porém, a crise dos anos 1960 levou a incorporação da usina Santa Bárbara pelo Grupo Ometto<sup>12</sup> e, enquanto parte de um grande grupo empresarial, a usina foi vista somente como mais uma unidade de produção. A aplicação desta lógica significou a total aniquilação dos espaços de lazer das proximidades da usina e de dentro da fazenda São Pedro, de modo que, um a um, os locais

<sup>8</sup> Embora não haja registros oficiais, as entrevistas apontam para as décadas de 1920 e 1930, como momento de constituição do que passou a chamar “área sede” e “área de vivência”, uma vez que, mesmo que anteriormente já existissem alguns edifícios ou realizassem atividades nestes locais, foi a partir de então que eles tornaram-se expressivos.

<sup>9</sup> Anteriormente as festas eram celebradas no galpão de açúcar.

<sup>10</sup> Para efeitos de análise, os espaços da fazenda foram caracterizados conforme suas funções: vivência, sede e trabalho. O primeiro compreende o conjunto das colônias e espaços de suporte e recreação dos trabalhadores, como: clube, armazém, escola, etc. A sede consiste na área ocupada pelas residências patronais e escritórios administrativos fora da usina, sendo todos os espaços e edificações dedicados a produção, considerados espaços de trabalho.

<sup>11</sup> Que muitas vezes chegava de avião, numa pista de pouso construída onde hoje é o Jardim Alfa.

<sup>12</sup> Atual Grupo Cosan.

de festa, transformaram-se em locais de trabalho e as residências operárias foram desaparecendo aos poucos<sup>13</sup>.

Neste sentido, a primeira modificação foi a demolição dos alojamentos de solteiros e da pensão a fim de permitir a ampliação da estrada de acesso, seguiram-se a conversão do campo de futebol em oficina de tratores, do cinema em laboratório entomológico, do armazem em vaca mecânica, da cavalariça em local de lavagem de caminhões, da pocilga em oficina de caminhões, da escola em escritório agrícola e a eliminação da olaria e do transporte de cana pelas locomotivas, cuja garagem tornou-se serraria e cujos trilhos perderam-se em meio aos canaviais.



Fig.07: Vista geral da usina na década de 1970

Fonte: Usina Santa Bárbara



Fig. 08: Entrada do clube de campo

Foto: Ivan Moretti (2000)

Contudo, como salienta o folheto da década de 70, os investimentos na área social não cessaram, simplesmente mudaram de endereço. Assim, o tratamento dentário passou a ser realizado num trailer que percorria as fazendas, um clube de campo foi construído e títulos distribuídos aos empregados, já no campo habitacional, além da moradia nas fazendas mais distantes, o folheto ressalta que, “A Usina Santa Bárbara, no intuito de formar núcleos habitacionais na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, fez vários loteamentos entre os quais o Jardim Dulce e Jardim Panambi, ... , devendo ser lançados o Primavera e o Recanto Beira Rio, ...”, datando daí a intensificação da atuação da empresa no mercado imobiliário da cidade (USINA SANTA BÁRBARA, s.d.; CIASB, 1979).

Embora, nas décadas seguintes, a usina tenha passado por mudanças administrativas, a conversão das áreas de convívio em de trabalho não se alterou, prolongando-se até seu fechamento em 1995, quando então, mesmo que ainda abrigasse algumas famílias e a missa de 1º de maio fosse celebrada na igreja erigida pelos funcionários, a área sede - incluindo o “solar” e o “palacete” - já haviam sido ocupadas pelo setor administrativo<sup>14</sup> e os jogos de futebol ocorriam no clube de campo<sup>15</sup>. Com a redução do convívio social e o enrigecimento do controle de acesso, intensificou-se o isolamento do núcleo fabril com relação a cidade, um afastamento que tornou-se embate quando, nos anos 1990, finalmente, a emergência da questão ambiental ganhou voz e as

<sup>13</sup> Como foi o caso das colônias Roberto Alves, Dna. Cecília, Dna. Ernestina e Frederico Junior.

<sup>14</sup> De acordo com um dos entrevistados, no entanto, neste período, houve um diretor, João Guilherme Ometto, que chegou a residir no “solar”.

<sup>15</sup> Com o fechamento do campo de futebol, um novo clube foi construído para os funcionários em uma propriedade distante.



crescentes reclamações sobre a poluição se converteram em pesadas multas impostas pela CETESB (SILVEIRA, 1995).

Multas que, somadas a obsolescência do maquinário e baixa produtividade do solo da região, foram apontadas como principal motivo para seu fechamento. Contudo, a perspectiva de mudança do traçado do prolongamento da rodovia dos Bandeirantes<sup>16</sup> para cerca de 1 Km dos edifícios industriais e de ampliação do perímetro urbano nesta direção, permitindo a conversão de terras rurais em urbanas<sup>17</sup>, também devem ter influenciado fortemente tal decisão. Fato que se comprova, pelos rumores sobre um mega-loteamento nas terras da fazenda São Pedro, menos de um ano após sua desativação, quando o choque que a demissão de cerca de 720 empregados fixos e a perda de uma arrecadação anual de impostos municipais de aproximadamente R\$ 800 mil (oitocentos mil reais) (DIÁRIO DE SANTA BÁRBARA, 6/12/1995) ainda era sentido na cidade.

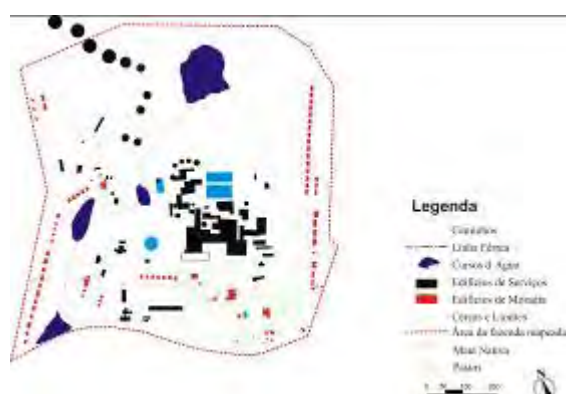


Fig. 09: Mapa da fazenda São Pedro quando foi desativada (1995)  
Base: projetos do acervo Usina Santa Bárbara

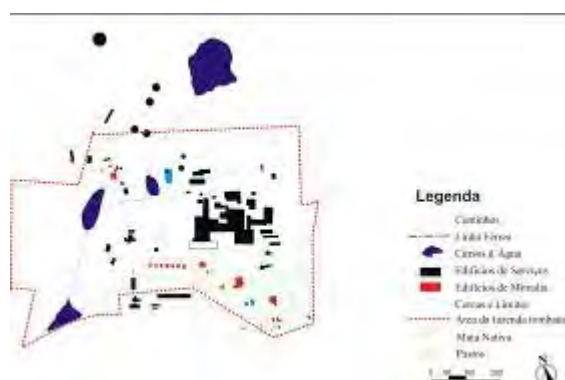


Fig10: Mapa da fazenda São Pedro (2010) e o perímetro da área tombada.  
Base: DECRETO n° 3828

A confirmação dessas perspectivas ocorreu com a inauguração da rodovia, em 2001, e a aprovação do loteamento, em 2006<sup>18</sup> e, embora o intenso debate que precedeu estes empreendimentos tenha colocado em evidência um patrimônio que apesar da proximidade com a cidade tornava-se cada vez mais obscuro para a população local, ele não foi capaz de garantir sua preservação. Assim, acredita-se que foram os debates sobre o loteamento os responsáveis por despertar uma forte “vontade de memória” nos ex-moradores. Vontade que acabou por promover a reaproximação entre eles e a usina ocorrida por meio da realização de um encontro de ex-moradores que se transformou numa das maiores festas da cidade e na luta pelo tombamento dos imóveis, do caminho de acesso e da antiga locomotiva<sup>19</sup>. Um movimento que começou em 1997, quando, para que o marido revivesse os tempos de glória como membro do CAUSB, dona Estela Araújo organizou um jogo de futebol com os antigos jogadores, cujo sucesso levou o grupo a planejar um novo encontro. No entanto, o que se pretendia um piquenique entre

<sup>16</sup> Naquele momento o traçado previsto passava próximo à divisa com Americana, tendo sido apresentado um estudo alternativo, assinado pela prefeitura do município, muito próximo ao hoje existente.

<sup>17</sup> O que, como demonstram RAYDON, GUEDES, CORNÉLIO (s.d.), significa uma valorização de mais de 1.100%, neste caso, passando de R\$1,50 para R\$ 17,00 o metro quadrado.

<sup>18</sup> Vale salientar, que o loteamento aprovado é consideravelmente menos ambicioso que o inicialmente proposto, tendo sido objeto de discussões e embates entre empreendedores, políticos e a sociedade por quase dez anos.

<sup>19</sup> A área da usina foi tombada pelo Decreto Municipal n. 3828 de 11 de abril de 2008 e a alameda de flamboyants que lhe dá acesso pelo Decreto Municipal n. 3641 de 11 de abril de 2006.

amigos acabou se tornando uma festa capaz de reunir, em sua 12ª edição, cerca de 17mil pessoas (DIÁRIO DE SANTA BÁRBARA, 30, jun, 2009).

Mas, se por um lado a realização da festa, que ocorre nos espaços da usina<sup>20</sup>, anualmente no dia de São Pedro, com missa, procissão, hasteamento do mastro de São Pedro, exposição de fotografias e objetos antigos, gincanas e shows, estreita os laços entre a sociedade e a fazenda São Pedro, consolidando-a como um espaço de memória, por outro, ela não foi capaz de garantir a preservação de seus espaços e edifícios, além consagrar as décadas de 1940 a 1960 como representativas de toda história da usina (QUECINI, 2000). Isso porque, o Encontro da Negadinha da Usina, como é chamada a festa, apresenta-se como um mix-temporal no qual as histórias se somam, construindo uma nova memória, pois, embora as rendas sejam as mesmas, o altar que decoram passou da capela de São Luiz para o da igreja de Nossa Senhora Aparecida; o mastro deixou de ser hasteado em frente a capela ou da “pedreira” para se erguer na sede e, hoje, em frente ao galpão de açúcar; a “bandinha da usina” foi substituída pelo repertório saudosista de Sérgio Sarapo<sup>21</sup> que, atualmente, dá lugar a grupos sertanejos e de MPB; enquanto a gincana exige a presença de ex-moradores ilustres, jogadores de futebol, rainhas e princesas dos bailes, a quadrilha e a fogueira são totalmente esquecidas; as fotografias também fazem referencia a diversos passados e os grandes símbolos da usina, como os “pés vermelhos”<sup>22</sup>, a “maquininha”<sup>23</sup> e o emblema do CAUSB, converteram-se em logomarcas da festa, que nas últimas edições tem dispensado até mesmo a eleição de um tema.



Fig. 11: Missa na capela de São Luiz durante o Encontro da Negadinha, em 2001  
Foto: autora (2001)



Fig.12: Galpão de açúcar reformado e preparado para a festa  
Foto: Felipe Ozores (2009)

A situação dos edifícios e espaços da fazenda é ainda pior, uma vez que sua dilapidação consistiu na principal estratégia dos proprietários na disputa com o poder local, fosse para a aprovação do loteamento ou para a não aprovação do tombamento. Assim, o que se assistiu foi o rápido

<sup>20</sup> Inicialmente esta festa, que ficou conhecida como Encontro da Negadinha da Usina, realizava-se na área sede, com o tombamento e a doação da área industrial para a prefeitura, ela passou a ser realizada nos antigos galpões industriais.

<sup>21</sup> Ex-morador que tornou-se cantor profissional.

<sup>22</sup> Os moradores da usina eram chamados de “índios do pé vermelho”, pois vivendo distante do centro, eram obrigados a percorrer os caminhos de terra vermelha da região a pé e descalços, de modo que, embora chegasse ao seu destino com os pés vermelhos, preservavam os sapatos limpos.

<sup>23</sup> “Maquininha” era como se referiam a locomotiva da usina, pela qual tinham grande apreço, hoje pertencente a Acellormittal, mas tombada pela prefeitura desde 2009 (Decreto n. 3987).



desaparecimento das casas operárias<sup>24</sup> e o desmonte dos galpões industriais, que iam se desmanchando para abastecer, com suas máquinas, outras unidades do grupo. As únicas edificações preservadas foram as 7 casas da colônia Cel. Luiz Alves, a casa do chefe da lavoura<sup>25</sup> e as da área sede que, se não perderam as características da fachada, vem perdendo armários e lustres, além dos danos nos vitrais da Capela de São Luiz.

Porém, enquanto estas destruições são lamentadas abertamente, a transformação capaz de alterar de forma mais completa e definitiva a paisagem e o espírito recluso da fazenda São Pedro, retirando-a definitivamente do universo rural e inserindo-a no urbano, tem sido celebrada como símbolo de desenvolvimento, o loteamento Dona Margarida<sup>26</sup>. Empreendimento que acaba por embaralhar ainda mais as memórias visuais e factuais da cidade, pois altera radicalmente o entorno de bens tombados, como se a substituição dos canaviais por lotes residenciais causasse pouca ou nenhuma diferença na experiência de percorrer o Caminho dos Flamboyants ou se a realização de festas, cada vez maiores, fosse capaz de reatar laços de amizade e identidade construídos a partir das experiências vividas num mesmo lugar ou ainda, se a homenagem a fundadora da cidade, associada ao desenho do “solar” e em terras da antiga usina atestasse sua historicidade, reforçada pela narrativa fantasiosa dos corretores, que explicam ter sido aquela a casa de Dona Margarida e onde ela erigiu o primeiro engenho da cidade.



Fig. 13: O caminho dos flamboyants em 2008  
Foto: autora (2008)



Fig. 14: Anuncio do loteamento Dona Margarida  
Fonte: nonatoboy.blogspot.com

## Observações finais

Situados na confluência da memória e da história, os "lugares de memória" são extremamente frágeis, pois como guardiões de tempos passados se apóiam no presente, como disse NORA (1981, 22), são “lugares mixtos” e

“... se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para ... prender o máximo de sentido num mínimo de

<sup>24</sup> Promovido pela liberação da retirada de materiais, desde fiação, metais e esquadrias até telhas e tijolos.

<sup>25</sup> Uma vez que a antiga casa dos Rehder, que existiu até aproximadamente 2005, foi demolida, embora muito modificada, esta é a edificação mais antiga da fazenda, tendo sido construída para abrigar o engenheiro francês incumbido da montagem da usina, em 1914.

<sup>26</sup> Que foi aprovado em 2006 (DIÁRIO DE SANTA BÁRBARA, 06/04/2006), embora ainda tenha poucos lotes ocupados, foi considerado um sucesso de vendas, que logo nos primeiros meses atingiram 70%(DIÁRIO DE SANTA BÁRBARA, 19/07/2009)

sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações"

De modo que, trazer a tona o passado dos espaços da fazenda São Pedro, deve ser mais do que construir uma nova história, mas resignificar seus espaços pela incorporação de uma maior diversidade de passados, inclusive aqueles que mesmo uma forte vontade de memória mantém recalçados.

Assim, ao invés de empilhar novas lembranças, busca-se remover, uma a uma as “grossas camadas do tempo” (DARTON, 1995) que mantém inacessíveis o que POLLACK (1989) chamou “memórias subterrâneas” e que fica evidente na consagração do período de gestão da família Alves como representativa da vida na usina e que se nota na fala de seu Chepa, para o qual a perda do sogro e os problemas de saúde decorrentes do trabalho insalubre são recalçados por outras lembranças, levando-o a afirmar, entre lágrimas, que a única coisa ruim com relação a usina é que ela acabou, não há mais “maquininha”, nem bailes<sup>27</sup>, nem garapa na boca do moenda!

Contudo, além deste recalque, a eleição deste período, décadas de 1930 a 1960, exige que se considere este ter sido o único em que o convívio social foi possível no espaço da fazenda, quando se partilhava tanto o local de trabalho quanto o de moradia e de lazer. O que, mais do que o “paternalismo” dos patrões, que nem mesmo residiam na fazenda todo o tempo, fortaleceu os laços de companheirismo e levou a construção de uma forte identidade coletiva, que as vitórias do time de futebol tornavam ainda mais positivas<sup>28</sup>. Aí também é que se reconhece a força da fazenda como lugar de memória, pois como aponta HUYSSSEN (2000, 69) “... o passado rememorado com vigor pode se transformar em memória mítica. Não está imune à fossilização e pode tornar-se uma pedra no caminho das necessidades do presente, ao invés de uma abertura no continuum da história.”, como ocorreu após a desativação da usina. Quando então, o sítio que ficara escondido pelos canaviais, cercas e guaritas por quase 30 anos, foi iluminado e, no embate que se seguiu pela conquista de um status “histórico” e de sua valorização financeira, sua história tem sido recontada, contudo, a principal razão de ser do lugar, o trabalho, é praticamente esquecida e os últimos 30 anos são, novamente, escurecidos.

---

<sup>27</sup> Também nas entrevistas realizadas durante o Encontro da Negadinha em 2001, dentre as 20, somente 6 apontaram aspectos negativos com relação a usina.

<sup>28</sup> O que pode ser sentido pelo fato de que, embora o CAUSB jamais tenha se profissionalizado, em 2000, um de seus ex-jogadores foi eleito pelo jornal local, o “jogador do século”.

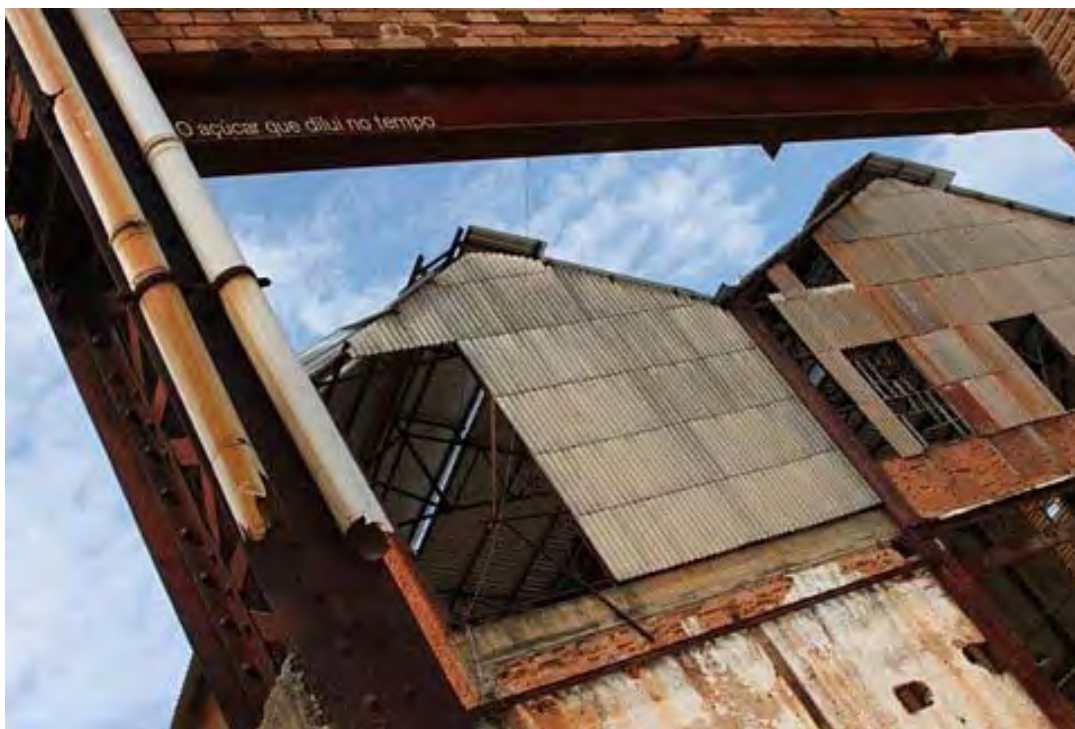


Fig. 15: Nos fundos, os galpões vão se desmanchando.  
Foto: Felipe Ozores (2009)

Ou seja, tem-se esquecido que a "capelinha" foi mais do que local de celebração da missa e de hasteamento do mastro de São Pedro, foi também onde muitos celebraram sua primeira comunhão; o galpão de açúcar foi mais do que lugar das festas, era local de trabalho, onde muitos suaram e sofreram, alguns até perderam a vida, mas também de onde se roubava garapa e ganhava o sustento; o clube era mais do que os filmes de bang-bang, abrigou a cooperativa de onde muitos vinham se abastecer; a pedreira mais do que local da fogueira, foi onde se queimou o pé ou conheceu a namorada; a escola era onde se estudava e brincava, mas também foi onde os empregados do setor agrícola planejavam o plantio e a colheita; principalmente, tem-se esquecido que as terras da fazenda São Pedro formam mais do que local de moradia, foram local de trabalho, de alegrias, mas também de tristezas, de amores, mas também de horrores, que ela foi teatro da vida de centenas de pessoas, não por 30, mas por mais de 100 anos.

Assim, observa-se que mesmo um imensa "vontade de memória" somada ao suporte dado pelos "lugares de memória" pode não ser suficiente para garantir que se ouça todas as diversas vozes do passado que compõe uma melodia tão complexa e rica quanto qualquer momento ou espaço presente já foi.

## Referências bibliográficas

**Álbum Ilustrado de Santa Bárbara.** Santa Bárbara d'Oeste, 23 mai. 1941.

CRIVELARI, J. M. (coord.). **Santa Bárbara d'Oeste: edição histórica.** São Paulo : Editorial Focus Ltda., 1974.

DARNTON, Robert. As grossas camadas do tempo. **Folha de São Paulo**, caderno Mais!, 20/agosto/1995, São Paulo, p.07.

Decreto Municipal nº 3641, de 11 de abril de 2006. **Dispões sobre o tombamento do Caminho dos Flamboyants e dá outras providências.** Disponível em jun/2010 em [http://www.santabarbara.sp.gov.br/v3/index.php?pag=consultas\\_legislacao&dir=sec\\_de\\_negocios\\_juridicos](http://www.santabarbara.sp.gov.br/v3/index.php?pag=consultas_legislacao&dir=sec_de_negocios_juridicos)

Decreto Municipal nº 3828, de 11 de abril de 2008. **Dispõe sobre o tombamento de bens de interesse cultural, histórico, arquitetônico, ambiental e afetivo desse Município objeto das matrículas n. o 5.134, 52.182, 53.278 e 58.066, integrantes da "Antiga Usina Santa Bárbara" conforme descrição e dá outras providências.** Disponível em jun/2010 em [http://www.santabarbara.sp.gov.br/v3/index.php?pag=consultas\\_legislacao&dir=sec\\_de\\_negocios\\_juridicos](http://www.santabarbara.sp.gov.br/v3/index.php?pag=consultas_legislacao&dir=sec_de_negocios_juridicos)

Decreto Municipal nº 3987, de 16 de julho de 2009. **Dispõe sobre o tombamento de bem móvel de interesse cultural, histórico e afetivo desse Município, identificado como Locomotiva nº1, popularmente conhecida como "Maquininha da Usina**, atualmente de propriedade da empresa Acelor mittla Brasil S.A, e dá outras providências". Disponível em jun/2010 em [http://www.santabarbara.sp.gov.br/v3/index.php?pag=consultas\\_legislacao&dir=sec\\_de\\_negocios\\_juridicos](http://www.santabarbara.sp.gov.br/v3/index.php?pag=consultas_legislacao&dir=sec_de_negocios_juridicos)

Desde 1914 caminhando com o Brasil e participando da história. **CIASB - Orgão Informativo da Usina Santa Bárbara.** Santa Bárbara d'Oeste, 26 jul.1979.

Festa da Negadinha registra público de 17 mil pessoas. **Diário de Santa Bárbara.** Santa Bárbara d'Oeste, 30/06/2009.

Festa da Negadinha será nos barracões da Usina. **Diário de Santa Bárbara,**. Santa Bárbara d'Oeste, 06/04/2006.

GAMA, R . **Engenho e tecnologia.** São Paulo: Duas Cidades, 1983.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p.67-88.

NORA, Pierre. Entre a história e a memória: a problemática dos lugares. In: **Projeto história. Revista do Departamento de História da PUC-SP.** São Paulo: Educ, 1981, p.07-28.

PEREIRA, V. M. **O coração da fábrica: estudo de caso entre operários têxteis.** Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda. 1979.

PETRONE, Maria Thereza Schorer Petrone. **A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851).** São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1968.

PICARD, J. **Missão de inspeção do sr. Picard, engenheiro, de 1 de março a 15 de julho de 1903: usinas açucareiras de Piracicaba, Villa-Raffard, Porto-Feliz, Lorena e Cupim.** São Paulo, HUCITEC. 1996.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Revista estudos históricos.** Vol.2 n.3, Rio de Janeiro: FGV, 1989, p.03-15.

QUECINI, V. M. **Timóteo: o legado urbano de um projeto industrial.** Tese de doutoramento pela FAU-USP, São Paulo, 2007.

QUECINI, Vanda Maria. Usina Santa Bárbara: um espaço para a história, uma história para a memória, uma memória para o espaço. 2º Relatório apresentado à FAPESP. FAUNIMEP, Santa Bárbara d'Oeste, janeiro/2000.

Residencial Dona Margarida lança última vendas. **Diário de Santa Bárbara,** Santa Bárbara d'Oeste, 13/09/2009.

REYDON, B. P.; GUEDES, S. N. R.; CORNÉLIO, F. N. M. Especulação com a conversão de terras agrícolas em urbanas: estratégia de um grupo sucro-alcooleiro. [s.l.: s.n, s.d.] Disponível em jun/2010, em [www.sober.org.br/palestra/2/992.pdf](http://www.sober.org.br/palestra/2/992.pdf)

SILVEIRA, A. C. CETESB cobra multa recorde de usina de açúcar por queimada. **Gazeta Mercantil.** [s.l.: s.n], 02/08/1995.

SOUZA, S. E. de. **Entre a história e a memória: imagens da Família Rehder na Fazenda São Pedro.** Santa Bárbara d'Oeste: [s.n, s.d]. Disponível em jun/2010 em [www.preac.unicamp.br/.../Sandra%20Edilene%20de%20Souza%20-%20completo.pdf](http://www.preac.unicamp.br/.../Sandra%20Edilene%20de%20Souza%20-%20completo.pdf)

**Usina Santa Bárbara** - Grupo Pedro Ometto, [s.l.: s.n, s.d.] (arquivo da Usina Santa Bárbara)

Usina Santa Bárbara desativa atividades na cidade: mais de setecentos trabalhadores serão demitidos. **Diário de Santa Bárbara,** ano XI, n. 2244. Santa Bárbara d'Oeste, 06/12/1995.